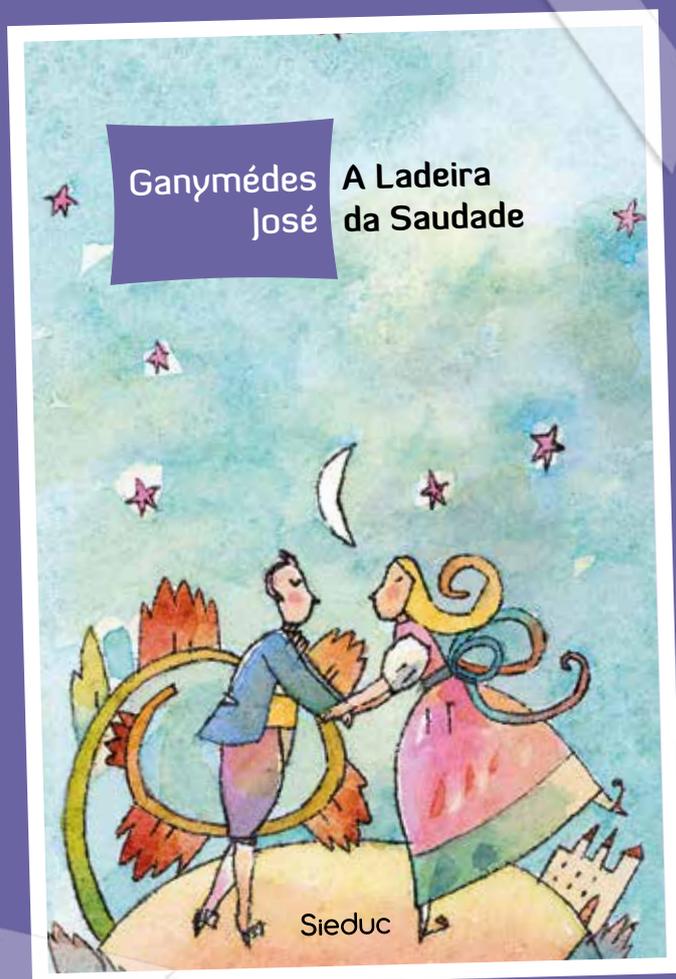


Manual do professor



A Ladeira da Saudade

Ganymédes José

Organização pedagógica
Maria José Nóbrega

Sieduc

Árvores e tempo de leitura

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?”¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior. Quantos galhos tem a árvore frondosa?

Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

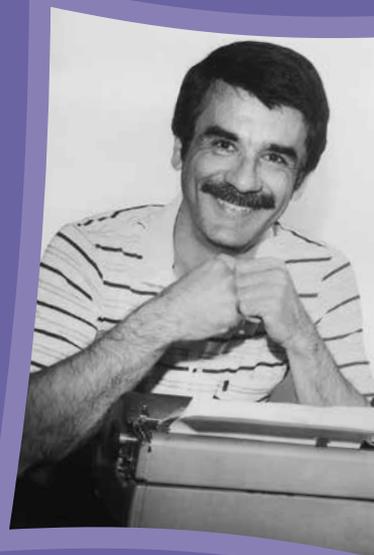
¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

Um pouco sobre Ganymédes José, o autor de *A Ladeira da Saudade*

Ganymédes José nasceu em Casa Branca, interior de São Paulo, em maio de 1936. Formou-se professor em sua cidade, fez Direito na PUC de Campinas e cursou Letras na Faculdade de São José do Rio Pardo. Desde cedo, começou a juntar coisas no coração: pedaços do mundo (sua cidade, por exemplo, cabia inteira), gente, muita gente, livros, músicas... “Gosto de paz, silêncio, plantas, animais, amigos, honestidade, escrever, música, alegria, fraternidade, compreensão...”, escreveu certa vez. Quando ainda estava no Ensino Fundamental, surpreendeu a professora ao afirmar que seria escritor. Retornando à sua cidade, depois de formado, o menino-escritor deixou de ser menino. E não parou mais de escrever. Datilografava só com três dedos, o que não o impediu de nos deixar mais de 150 obras. Livro para todos os gostos: mistério, humor, histórico, romântico, infantil, juvenil... Em todos, o mesmo fio condutor, a mesma energia vital: o amor à juventude. Teve obras premiadas pela APCA (1975, Melhor Livro Infantil) e pela Prefeitura de Belo Horizonte (1982, Prêmio Nacional de Literatura Infantil João-de-Barro).

No dia 9 de julho de 1990, quando se preparava para o lançamento de *Uma luz no fim do túnel* – mais uma grande prova de amor ao jovem –, seu coração, aquele cheio de pessoas e coisas bonitas, parou repentinamente de bater. E tudo quanto ele amava levou embora, dentro do peito. Mas no que acreditava ele deixou aqui, em seus livros. Reconfortante é saber que, através de sua obra, ele permanecerá cada vez mais vivo.



ARQUIVO DO AUTOR

A obra

Lília é uma adolescente de família rica, que adora o pai, mas não concorda com as ideias da mãe, para quem os interesses socioeconômicos falam mais alto. Ela e a mãe acabam brigando, justamente porque a garota despreza o rico e promissor pretendente escolhido pela mãe. Para esfriar os ânimos, Lília resolve fazer uma viagem com a tia-avó Ninota, que a leva para conhecer Ouro Preto, onde reside. Lília fica amiga das Tetetês, três garotas cujos nomes começam com a letra “T”.

Elas participam de um grupo de teatro de bonecos liderado por Dirceu, jovem simpático e inteligente, de família de poucas posses e de ascendência negra. Ele logo se interessa pela recém-chegada e, em meio a passeios em que ele lhe descreve as riquezas históricas de Ouro Preto e lhe narra o romance entre o poeta Gonzaga e sua musa Dorotéia, os dois se apaixonam. Porém a mãe de Lília aparece de repente e, chocada com o namoro, leva a filha de volta a São Paulo. A menina adoece. É a vez de tia Ninota intervir e fazer com que a mãe de Lília veja que a garota é capaz de decidir por si mesma. Dali a uns dias, já recuperada, ela parte em direção a seu destino: Ouro Preto, cidade de Marília e de Dirceu.

Comentários sobre a obra

Nesse romance entre jovens que descobrem o amor, o autor entrelaça a vida de Lília (Marília) e de Dirceu com a história do poeta árcade Tomás Antônio Gonzaga e sua musa Dorotéia, que resultou no famoso poema *Marília de Dirceu*. O livro é uma oportunidade para o aluno conhecer esse significativo momento da literatura do Brasil e também os fatos que culminaram na Inconfidência Mineira. Assim como o grupo de teatro, que recita trechos do célebre poema, o leitor pode aproximar-se dos fatos históricos pelos bastidores, conhecendo pormenores da vida dos inconfidentes, não só de suas ideias, mas também de seus sentimentos.

Quadro-síntese

Gênero: Romance.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, História, Geografia, Arte.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação em direitos humanos; vida familiar e social; diversidade cultural.

Público-alvo: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.